

Experiência da Revista de Biblioteconomia de Brasília na Internet

Elmira L. Melo S. Simeão

Relata a experiência de migração para a Internet da *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, uma das publicações pioneiras na área de biblioteconomia e ciência da informação no Brasil. O trabalho faz parte de um estudo sobre periódicos eletrônicos como canal de comunicação extensiva para a comunidade científica. Nos últimos cinco anos as publicações eletrônicas tornaram-se tema de pesquisa em crescimento exponencial, fenômeno que reflete o interesse emergente dos pesquisadores, confirmando também a natureza dinâmica e multidisciplinar da Ciência da Informação, área com interface determinante em relação à tecnologia. Com o surgimento dos arquivos livres as revistas passarão por grandes transformações, confirmadas pelas mudanças no acesso a estes documentos.

Palavras-chave - Documentos eletrônicos; Internet; Comunicação eletrônica; comunicação científica, Tecnologia da informação, Revistas científicas; Periódicos; Periódicos eletrônicos.

1 INTRODUÇÃO

As revistas científicas representam um dos veículos de comunicação mais adequados à disseminação de informações dirigidas, em que a seletividade tem como parâmetro "interesses comunitários", retratando o grau de desenvolvimento da pesquisa em determinado campo, dando sinais da produtividade dos pesquisadores em instituições acadêmicas (Targino, 1998). Em contrapartida, a divulgação de trabalhos em áreas específicas do conhecimento deve considerar o perfil do usuário, suas aspirações e preocupações, funcionando também como um indicador da representatividade dos grupos em relação à ciência.

As novas tecnologias de informação possibilitaram maior visibilidade dos veículos de comunicação de massa e de seu conteúdo, ao mesmo tempo em que alteraram o tradicional conceito frankfurtiano¹ (*Teoria Crítica da Comunicação*) de comunicação de massa, tendo em vista que, através da Internet, pode-se ter uma comunicação interativa e interpessoal, ao mesmo tempo em que se atinge uma audiência anônima e de grandes proporções.

Com o uso do computador pessoal, as revistas e jornais eletrônicos preenchem o tempo dos mais "curiosos" e fazem parte da rotina da comunidade científica e instituições acadêmicas. Os pesquisadores, aos poucos, passam a adotar suas facilidades. Como previa Frederik Lancaster em 1977, os cientistas já criam, transmitem e recebem informações através de terminais, alterando também as características e normas da comunicação na ciência. Para ele, no limiar do século XXI, os cientistas teriam instrumentos para uma comunicação sem fronteiras geográficas, que os ajudariam a produzir artigos e textos eletrônicos, afetando o atual modelo das publicações.

Mais recentemente, Meadows (2000) destaca mudanças em editoras e bibliotecas, lembrando a natureza irreversível da modernização tecnológica no processo de comunicação entre os pares, com o fortalecimento dos laços fracos do colégio invisível (Crane, 1972). A negação desse fato traz desvios e até isola o pesquisador, tornando-o um "animal em extinção". Diferentemente das revistas científicas impressas, que surgiram na segunda metade do século XVII, os periódicos eletrônicos deverão evoluir desconstruindo práticas e muitos conceitos que se têm hoje em relação à comunicação na ciência (Meadows, 1999; Harnad, 2000). A aldeia global, possibilitada pelos veículos de comunicação e há tempos imaginada por McLuhan (1965), configura-se no espaço da comunicação entre cientistas, um emaranhado de experiências difusas e sem harmonia nos modelos de publicações e normas.

Conforme descreve Meadows (1999), a necessidade de comunicação eficiente foi o principal motivo do aparecimento dos periódicos científicos, além, é claro, da formalização e da normalização de um processo essencial. Desde o *Journal des Sçavans*, lançado em janeiro de 1665, e as *Philosophical Transactions* da Royal Society, publicadas em março do mesmo ano, a evolução dos periódicos concretizou-se com o aparecimento e amadurecimento de umas 70 academias ou sociedades científicas em todo o mundo (Meadows, 1999), todas preocupadas com o controle de qualidade das revistas. As quatro normas mertonianas (universalismo, sentido de comunidade, desprendimento e ceticismo organizado) traduzem o desejo de perfeição dessas comunidades e da ciência normal (Kuhn), há, porém, um novo paradigma para a comunicação científica, iniciada com o processo de digitalização de dados. São fatos recentes, mas deverão mudar hábitos e práticas reconhecidas pela comunidade científica dentro de seu processo de comunicação (Mueller, 1994; Costa, 2000).

Essas alterações são influenciadas pelas transformações técnicas, conceituais e operacionais no próprio canal e nos conceitos relativos ao processo de comunicação que deverão solidificar novas práticas para a "comunicação formal" (suas regras e rituais). Costa (2000), em estudo sobre hábitos de cientistas brasileiros e britânicos

cos, comprova o impacto das publicações eletrônicas na disseminação de informações, revelando um modelo comunicativo híbrido e mutante.

2 REVISTAS EM MIGRAÇÃO OU NOVO CANAL?

Lembrando a teoria da informação, descrita por Shannon & Weaver em 1949, o processo da comunicação consiste em fazer passar, através de um canal, o máximo de informação com o mínimo de distorção. Para que o processo de concretize de forma adequada, no entanto, observa-se a máxima economia de tempo e energia. Na verdade, o canal de comunicação é definido como um ponto de tensão entre o emissor e receptor e é também filtro um sistema enxuto e preciso. Neste aspecto, tal qual os estudos adotados para a engenharia das telecomunicações no *Massachusetts Institute of Technology* (1940), podemos compreender a comunicação científica e seus veículos, sejam periódicos impressos ou eletrônicos, como um ponto de tensão, porque apresenta todas os conflitos inerentes a uma ação comunicativa (ruídos, interferências contextuais, etc.) e também um filtro, porque tem a função de prover qualidade.

Mueller (1994), ao abordar as mudanças impostas pela tecnologia no artigo científico, destaca o modelo de Lievrouw, onde o canal de comunicação científica é apenas parte de um ciclo que começa de maneira mais informal entre os pares, parte para a fase de documentação (sistemática e organizada) até chegar ao nível de popularização, mais amplo, envolvendo a sociedade como um todo. Com perspectivas diferentes, dependendo da área, o estudo da comunicação científica e das publicações deve, segundo Lievrouw (1984), desprender-se da idéia de que é apenas resultado da evolução da ciência, para assumir uma postura dirigida ao aspecto cíclico do processo e seus estágios (concepção, documentação e popularização).

Esse foco ajudaria a situar o periódico diante de "outros canais de documentação e estabelecer suas ligações com os demais canais e as duas outras etapas" em uma estrutura macro, mais sistêmica (Menzel *apud* Mueller). Cada um dos canais teria, portanto, diferentes estratégias tanto para com o usuário, quanto para com um posicionamento definido diante de outras possibilidades comunicativas.

A preocupação com o gerenciamento de documentos digitais atinge periódicos científicos de uma maneira particular. Com a chance de agilizar a disseminação de resultados de suas investigações, os pesquisadores, notadamente àqueles ligados aos países em desenvolvimento, encontram na nova mídia uma oportunidade. No entanto, ainda não existe consenso sobre como e em que proporções as normas para publicação, que garantem a qualidade e a confiabilidade das matérias publicadas, devam ser alteradas, para

conformarem-se à nova perspectiva informacional, e em que medida as possibilidades que a tecnologia oferece podem ser absorvidas.

Procurando um perfil tecnológico e estimuladas pelo crescimento exponencial do número de usuários da Internet, as equipes editoriais dos periódicos científicos, aos poucos, fazem a migração de seus produtos para a rede WWW. Algumas simplesmente lançam revistas inéditas, experimentando a sensação de prover informação digital e assumindo a possibilidade interativa e de personalização (multimídia) que só o novo canal é capaz de oferecer; outras equipes preferem lançar revistas com as mesmas características do modelo impresso, sem alterar padrões gráficos e normativos. Para os dois grupos, a diferença fundamental da comunicação eletrônica é a tecnologia e a velocidade de transmissão dos dados, mas as ferramentas da Internet também exigem regras de quem as utiliza.

A comunicação é para uma "massa" de consumidores, mas também é para cada um, em particular. Funcionando nos dois sentidos, requer uma mensagem mais afinada e personalizada. Ao tratar-se de comunicação na ciência, a comunicação para grupos afinados em uma determinada área e influenciados por suas diretrizes, observará processos (interativos e de cooperação) sistemáticos reconhecidos. Deve, no primeiro momento, fixar aquilo que for interessante para o cientista (indivíduo) e grupos (comunidade) que tiverem acesso aos terminais.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Timidamente as revistas e publicações ligadas à pesquisa e pós-graduação no Brasil começam a migrar para a Internet, cada uma com sua própria metodologia e seguindo rotinas específicas. Dentro do núcleo de revistas científicas brasileiras, as revistas da Ciência da Informação (CI) oferecem características interessantes para compreensão do fenômeno da comunicação digital em sua função operativa principal. Conforme aponta Gomes (1999), A falta de interação dos grupos que integram esse núcleo, basicamente concentrados nos centros de pós-graduação, é comprovada pela preferência de autoria singular. Gomes estudou o processo de "inovação tecnológica" dentro de um sistema de publicações científicas formais, observando o uso de periódicos eletrônicos nas atividades de pesquisa. O núcleo de pesquisadores na área ainda é pequeno. Se comparado com outras áreas, tem pouca penetração em periódicos científicos internacionais e dá preferência a divulgação de trabalhos nas revistas nacionais e em anais de congressos.

No IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (novembro, 2000), foram constatados sinais de avanços na discussão sobre o uso e a produção das revistas, bem como nos hábitos de produção dos pesquisadores. Mueller *et alli* (2001) consultaram 250 trabalhos apresentados no encontro e somaram 412 autores, 61 deles desenvolvendo pesquisa individual, 50 em grupo e mais 139 trabalhos (somadas as teses de douto-

rado, mestrado e monografias) que têm a participação de orientadores. No grupo de trabalho direcionado a pesquisas em comunicação científica, protótipos foram apresentados e no conjunto dos trabalhos ficou comprovado o interesse crescente por novas tecnologias e por aspectos sociais da Informação².

Recentemente a boa produtividade dos autores brasileiros e a visibilidade das revistas nacionais no contexto latino-americano são constatadas por Licea de Arenas *et alli* (2000). Através das três principais bases de dados Internacionais (*Library Literature, Library and Information Science Abstracts e Information Science Abstract*), estes pesquisadores reuniram 1911 registros da produção latino-americana. O Brasil detém mais da metade da produção (56%). Dos cinco títulos de revistas que publicaram o maior número de artigos de autores latino-americanos, três são de revistas brasileiras, conforme a tabela 1.

Tabela 1 - Títulos mais produtivos

TÍTULOS	NÚMERO DE ARTIGOS
Revista Escola Bibliotec. UFMG (Brasil)	355
Ciência da Informação IBICT (Brasil)	271
Revista Bibliotec.de Brasília UnB (Brasil)	257
Revista Interamericana Bibliotec (Colômbia)	81
Guyana Library Assoc. Bull (Guyana)	61

(Fonte: Licea de Arenas *et alli*, 2000)

Oito títulos compõem o núcleo principal de periódicos da área no Brasil: *Ciência da informação; Perspectiva em Ciência da Informação; Informação e Sociedade; Transinformação; Datagramazero; Revista de Biblioteconomia de Brasília; Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação e Informare*. A Associação de Pós-graduação em CI no Brasil (Ancib), responsável por *Datagramazero*, produz a única revista exclusivamente digital. Todas as revistas, de alguma maneira estão integradas a programas de pós-graduação de universidades ou institutos de pesquisa brasileiros ligados ao estudo da informação. As revistas se intitulam publicações ligadas ao estudo da ciência da informação e áreas afins, têm corpo editorial e sistemas de avaliação semelhantes (*peerreview*), mas rotinas de produção diferenciadas.

4 RBB PEQUENO HISTÓRICO

Os bibliotecários brasileiros até o início dos anos 70 não tinham um canal dirigido para a produção intelectual da área. Só a partir da sistematiza-

Experiência da Revista de Biblioteconomia de Brasília na internet

ção do ensino nas universidades e do aparecimento dos primeiros cursos de pós-graduação, é que houve um ambiente mais propício para o aparecimento dos primeiros periódicos, como a *Revista da UFMG* (1972) e a revista *Ciência da Informação / IBICT* (1972).

Atualmente a *Revista de Biblioteconomia de Brasília* tem seus artigos indexados ou resumidos no LISA (Library and Information Science Abstract), Índices de Revistas de Bibliotecologia (IREBI), Information Science Abstracts, Library Literature e Sumários de Periódicos em Biblioteconomia. Apesar das dificuldades operacionais que provocam atrasos, mantém alto padrão científico no corpo de avaliadores, obtendo boa receptividade, principalmente no contexto latino-americano.

A ligação da revista com o Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da Universidade de Brasília (CID/UnB) marca toda a trajetória da RBB, que nasceu em 1973 a partir da iniciativa do professor Antonio Agenor Briquet e de um grupo de professores do CID, com o apoio da Associação de Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF). Motivado pelo acúmulo de produção intelectual, o grupo se ressentia com a falta de uma revista que possibilitasse uma interação efetiva com outros pesquisadores do Brasil e do exterior. Foi uma experiência pioneira em Brasília e um desafio para os pesquisadores, que conviviam com um sistema político repressivo e autoritário impedindo a proliferação de idéias e o debate intelectual nas universidades.

"Da receptividade, das críticas e do apoio que nos forem oferecidos é que dependerá, em grande parte, a sobrevivência da RBB".

(Do Editorial, publicado no primeiro número da RBB em 1973).

No início, a gráfica do Senado Federal colaborou com a impressão e havia material suficiente para motivar o crescimento e a estruturação de uma equipe editorial. Na estréia da RBB, o bibliotecário Anibal Coelho aparecia como diretor da revista e o redator-chefe era o professor Briquet, chefe do Departamento de Biblioteconomia (CID/UnB). O professor Murilo Bastos da Cunha (CID/UnB), na época presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia, assumia a secretaria da revista. O projeto gráfico contou com a colaboração do artista plástico e professor da UnB Charles Sebastião Mayer, que desenhou a capa da revista, marca conhecida e conservada até hoje. No editorial do primeiro exemplar, a redação destacava:

"Não se trata de uma revista de âmbito paroquial, o seu título apenas identifica o seu local de origem. O seu espírito é nacional e, por isso, se esforçará por publicar as colaborações de colegas de todo o país. Naturalmente convidamos e aguardamos as colaborações de autores de outros países."

5 RBB ONLINE - PROTÓTIPO EM ESTUDO

O uso de novas tecnologias de informação motivou a experiência de migração da RBB para a Internet. Com a criação de um canal de comunicação extensiva há possibilidade de mais liberdade na expressão de idéias e inovações editoriais. As restrições existentes se relacionam com os altos custos da indústria editorial, dificultando a manutenção da revista impressa e com a necessidade de estruturação de uma equipe especializada para gerenciar o protótipo *on-line*.

Desde a década de 80, a editoração e distribuição das revistas da área são consideradas um processo complexo, assistemático e que sofre com a falta de equipes especializadas e com dedicação exclusiva (Miranda, 1981). Este talvez seja o maior entrave para um melhor desempenho das publicações brasileiras nos indicadores internacionais e um fator que provoca atraso na migração das revistas.

Com os atuais recursos de softwares, a criação de um web-site é uma tarefa simples, mas para publicar material especializado, os cuidados devem ser maiores. A questão é complexa quando se trata de periódicos científicos, pois além de um *site* com características de revista eletrônica, a revista precisa garantir a continuidade da renovação do conteúdo em uma rotina produtiva diferente daquela vivenciada com a editoração eletrônica do formato impresso.

Projetou-se a transposição da *Revista de Biblioteconomia de Brasília* para uma nova versão eletrônica, verificando o problema de migração das revistas brasileiras da área e detectando mudanças que a tecnologia foi capaz de "impor", ou melhor, "motivar". Para iniciar o processo de comunicação e procurando identificar características intrínsecas ao canal, considerado mais interativo e personalizado, optou-se por adotar um protótipo que obedecesse aos padrões da revista impressa, o que facilitaria sua identificação na rede e melhor adaptação à leitura. Posteriormente a revista adotaria uma metodologia que possibilitasse a publicação imediata dos artigos à medida que fossem avaliados e aprovados para publicação. Torna-se necessário também a estruturação de uma estação de trabalho, o registro do domínio e outras providências que garantam mais segurança à nova iniciativa.

A preocupação do grupo, orientado pela professora Suzana Mueller (CID/UnB), então editora-chefe, foi garantir níveis de qualidade já alcançados no formato anterior para que a empolgação inicial da implementação não acabasse diante das dificuldades. Entre as alternativas consideradas, está a integração da RBB no projeto Scielo - Scientific Electronic Library Online, biblioteca digital de revistas científicas latino-americanas que organiza e publica textos completos, bem como indicadores de uso e impacto. A tentativa pioneira de implementação de uma edição *on-line* da RBB (V. 20, n.01) acontece no primeiro semestre de 1996 como produto da disciplina Tecnologia da Informação, oferecida no mestrado em ciência da informação do CID. A versão disponível em rede (<http://www.livroonline.com.br/rbb>) também integra estudos realizados na pós-graduação do CID, com projeto

elaborado em macroplanejamento em sistemas de informação, sob orientação dos professores Emir Suaiden e Kira Tarapanoff, e implementação de arquivos realizada em tecnologia da informação, com a professora Simone Bastos.

O planejamento para a construção do protótipo começa no primeiro semestre de 1999, a partir de uma proposta de interface simples, aproveitando o conteúdo já divulgado na revista (vol.22, n.1, 1998). A experiência está documentada em um manual de aplicação que tem como objetivo orientar os profissionais ligados ao projeto no correto procedimento em relação a parte técnica, considerando as ferramentas utilizadas na construção do site, garantindo qualidade nas características fundamentais. É importante estabelecer estratégias que tornem o novo canal um ponto de apoio, posicionamento importante no atual cenário da comunicação científica internacional e particularmente interessante para pesquisadores da ciência da informação no Brasil e América Latina.

6 ESTRUTURA DO PROTÓTIPO

A estruturação de um site com características de revista eletrônica científica requer a participação efetiva de uma equipe multidisciplinar. A reunião de esforços se dá a partir da implantação de uma rotina que prevê o estabelecimento de tarefas e funções específicas a cada pesquisador ou técnico em um tempo determinado. A equipe editorial tem as mesmas funções da revista impressa, mas é necessário observar as variações do novo modelo que prevê maior agilidade no processo e penetração de escala global, com interatividade mais intensa com os leitores e absorção das novas tecnologias de comunicação.

A construção do site considerou seções específicas, o trabalho acontece de maneira simbiótica, ou seja, observando as características do formato anterior.



Figura 1 - modelo de capa para revista impressa

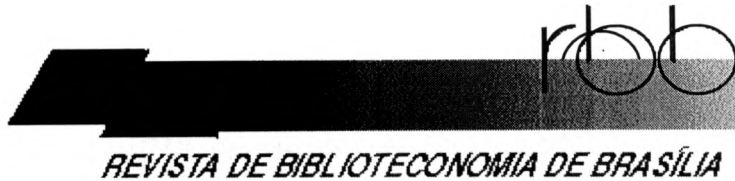


Figura 2 - Marca definida para o protótipo

O símbolo visual é formado por uma faixa que se estende, de maneira ondulada, sob a sigla da RBB. O objetivo é dar um efeito leve ao banner que tem a cor da biblioteconomia, um lilás em *dégradé*. A tipologia usada no símbolo verbal na sigla é uma adaptação da fonte *AVANTGARDE*. Para o nome da revista optou-se por *FRANKLIN GOTHIC ITALIC*. Tendo em vista as especificidades da revista e sua missão, considera-se importante uma apresentação discreta dos elementos gráficos e uma estrutura simples, que considere o texto como o principal recurso informacional. Atendendo às necessidades dos pesquisadores e às possibilidades atuais da revista o protótipo não utiliza recursos multimídia.

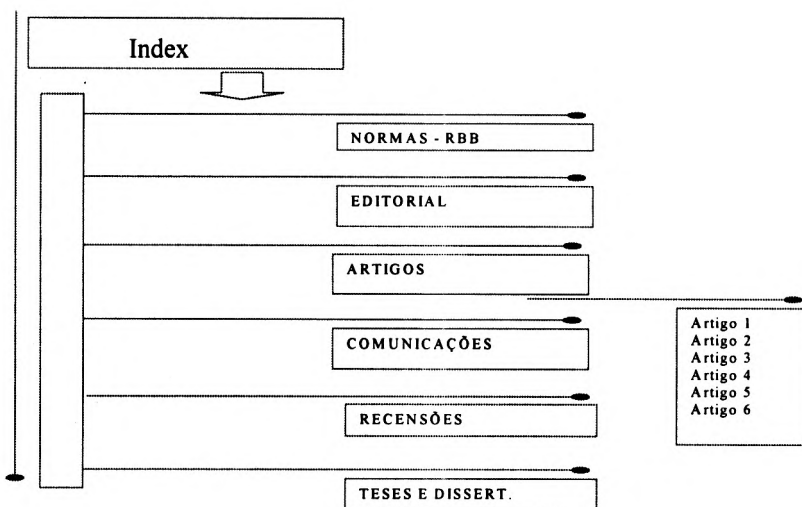
5.1 Página principal

- Apresenta o sumário de todas as páginas e é conhecida como página de abertura. No index, é possível conhecer informações que são chamadas para atrair o visitante para outras páginas.
- Faz chamada para as temáticas interessantes das seções da revista (páginas internas), com recursos gráficos discretos (fonte padrão ARIAL, com tamanho 12 para a titulação e 10 para os artigos e outros trabalhos). O destaque para titulação, além do tamanho distinto, é feito pelo uso do vermelho, cor que também garante a visibilidade de trechos e citações destacados pelos autores. Todo o conjunto de textos tem o azul como cor básica.
- Fotografia de um livro recensionado, usando a seção de recensões como um bom apelo para divulgação de trabalhos importantes para a área.

5.2 Páginas secundárias

- Editorial
- Informações aos autores
- Artigos
- Recensões
- Comunicações e palestras
- Teses e dissertações

MAPA DO SITE DA RBB ON-LINE



6 PRIMEIROS RESULTADOS

Foram coletados relatórios preliminares que avaliam o desempenho inicial do protótipo através da ferramenta *website garage* da *Netscape/Netcenter*, fornecidos pelos provedores de acesso para o controle estatístico das visitas. O diagnóstico toma como referência seis itens básicos importantes na implementação de um site, observando unicamente os resultados obtidos na *home page*, ou seja, na página de abertura da revista:

- compatibilidade do navegador;
- registro de domínio;
- tempo de load, ou seja, tempo para carregar a página;
- links ou ligações internas e externas;
- leiturabilidade;
- design em HTML.

No primeiro relatório sobre as visitas à página de abertura da RBB *on-line*, registraram-se os seguintes resultados:

- Excelente conjunto de *links*, internos e externos, o que significa que toda a estrutura desenhada para dar suporte às seções da revista tem um conjunto de links (ligações) internos e externos funcionando adequadamente, respondendo às operações de solicitação e resposta de forma adequada, em situação de conexão

estável. A ferramenta recomenda o aperfeiçoamento do mapa do site, facilitando a orientação dos usuários, como também revisões constantes nos endereços e ligações externas

- Um bom desempenho para o "*HTML Design*", o que significa uma programação adequada em HTML, desenvolvida pelo *Frontpage2000*, ferramenta do pacote da *Microsoft Office2000*. O relatório sugere a adequação dos atributos de algumas funções (mas considera boa a estrutura desenhada inicialmente) e a observação do protótipo em plataformas diferentes (*Macintosh* e *PC*).

O protótipo foi testado em quatro programas diferentes (em diferentes versões), e os resultados mostram problemas em vários níveis. A inexistência de uma estação de controle não permite um acompanhamento diário do protótipo, podendo ocorrer interferências em sua transmissão. Por estar em fase de testes, a RBB *on-line* não tem registro próprio e ainda não foi cadastrada nos catálogos e bibliotecas virtuais. Entre outros problemas apontados pela ferramenta, destacam-se:

- compatibilidade com o *Browser* (programa de navegação) de alguns visitantes, o que implica a necessidade do uso de tecnologias mais simples e que atendam ao nível dos equipamentos e programas utilizados pela maioria dos usuários e também a realização de testes em programas diferentes daqueles usualmente conhecidos como o *Internet explorer* e o *Netscape*;

- registro ainda não estabelecido, o que implica a necessidade de a revista ter seu próprio domínio, devidamente registrado e em local adequado ao seu perfil. Esse problema dificulta a recuperação da RBB na rede WWW. A ferramenta considera a expressão "RBB" curta para uma identificação em um universo de usuários mais amplo;

- tempo para abrir algumas páginas, o que implica a necessidade de estabelecer um tamanho limite para a estrutura das páginas e a utilização de ferramentas que permitam a compactação dos arquivos e sua melhor distribuição na estrutura oculta. O protótipo foi testado em diferentes *modems*.

Além da estrutura do sítio, desenvolvem-se paralelamente produtos e serviços que têm como objetivo atender à rotina da revista eletrônica. Com a criação do manual de aplicação que apresenta os detalhes técnicos do projeto, informações sobre a estrutura do sítio e seus recursos estéticos, pretende-se desenvolver uma base de dados para atender a necessidades dos usuários da RBB, no tocante à recuperação de informações de edições anteriores. O lançamento dos números que atualizam a coleção fará com que o protótipo entre em uma nova fase.

7 CONCLUSÃO

É possível elencar algumas questões ligadas ao estudo dos periódicos eletrônicos em função de dois grandes grupos teóricos. O primeiro, formado por incentivadores e usuários do novo canal, vê na tecnologia a possibilidade da disseminação e desenvolvimento interdisciplinar do conhecimento. O segundo é formado por céticos e opositores da comunicação digital para fins científicos, tendo em vista questões ligadas, por exemplo, a confiabilidade das fontes, ao direito autoral (*copyright*) etc. O debate é provocante, e as argumentações, de um lado e de outro, incentivam novas experiências. Na tentativa de consolidar uma migração para a Internet, muitas revistas aderem aos consórcios de bibliotecas e editoras que visam a digitalizar documentos e adequar coleções à nova realidade virtual, outras realizam experiências isoladas com modelos transmutados ou construídos com um novo formato (híbrido ou não).

Apesar da polêmica, sabe-se que o processo de comunicação eletrônica é irreversível, revelando-se um universo importante para a compreensão da comunicação científica atual. Cada revista que ingressar no novo paradigma informacional terá experiência única e é importante que suas equipes produtoras (editorial e técnica) acompanhem o processo de migração, registrando e documentando resultados, dando contribuições para o estudo dos periódicos eletrônicos. A RBB toma a iniciativa de reformular sua metodologia na publicação impressa, adotando um modelo cooperativo. Críticas e sugestões enviadas por bibliotecários, professores, pesquisadores e alunos de várias instituições no Brasil e exterior são consideradas para melhorar o protótipo.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, S. Changes in the information dissemination process within the scholarly world: the impact of electronic publishing on scholarly communities of academic social scientists. In: ICCO/IFIP CONFERENCE, 2000, Kaliningrad / Svetlogorsk, Russia. Proceeding... Kaliningrad / Svetlogorsk, Russia : Kaliningrad State University, 2000.

CRANE, D. *Invisible colleges: diffusion of knowledge in scientific*. Chicago; University of Chicago, 1972.

GOMES, S. Inovação tecnológica no sistema formal de comunicação científica: os periódicos eletrônicos nas atividades de pesquisa dos acadêmicos dos cursos de pós-graduação brasileiros 1999. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

HARNAD, S. Skywriting and the prepublication continuum of scientific inquiry. *Psychological Science*. Disponível em : <http://www.cogsci.soton.ac.uk/~harnad/papers/Harnad/harnad90.skywriting.html>

KING, D.; TENOPIR, C. A publicação de revistas eletrônicas: economia da produção, distribuição e uso. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 176-182, maio/ago. 1998.

LANCASTER, F.W. The dissemination of scientific and technical information: toward a paperless system. Urbana, Ill : University of Illinois, 1977.

LICEA, J. de Arenas *et al.* Una visión bibliométrica de la investigación en bibliotecología y ciencia de la información de América Latina y el Caribe. *Revista Española de Documentación Científica*. v. 23, n. 1, p. 45-53, 2000.

LIEVROUW, L. A. Communication, representation, and scientific Knowledge: a conceptual framework and case study. *Knowledge and policy*, v.5, n.1 p. 6-28, 1992.

MCLUHAN, M. A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1977.

MEADOWS, A. J. A comunicação científica. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília : Briquet de Lemos /Livros, 1999.

MIRANDA, A. Os conceitos de organização baseada na informação e no conhecimento e o desenvolvimento de serviços bibliotecários. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 227-232, set./dez. 1993.

MIRANDA, Antonio. Revistas especializadas brasileiras em biblioteconomia e ciências da informação; com ênfase na experiência da ABDF. *Boletim ABDF*. Nova Série, Brasília, n.4 p. 30-42, out./dez. 1981.

MUELLER, S. O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 309-317, set./dez. 1994.

MUELLER, S. MIRANDA, A.;SUAIDEN, E. A pesquisa em ciência da informação no Brasil: análise dos trabalhos apresentados no IV Encontro da Associação

9 NOTAS

1 A teoria crítica surgiu no *Institut Für Sozialforschung*, em Frankfurt (Alemanha). Dirigido por pensadores como Max Horkheimer, o movimento tenta fundir o comportamento crítico nos confrontos com a ciência e a cultura com a proposta política de reorganização racional da sociedade, de modo a superar a crise da razão. É uma crítica dialética da economia política (Wolf, Mauro. *Teoria da Comunicação*, 1994).

2 O estudo comparou os trabalhos dos quatro últimos encontros, observando um interesse crescente por tecnologias. Em 2000, 56% dos trabalhos estudavam o mercado de trabalho, demonstrando expansão e reconhecimento da área. Ver Mueller et *Alli*, 2001.

3 Detalhes do Scielo na revista *Ciência da Informação*, v. 27, n.2, maio/ago. 1998.

The experience of 'Revista de Biblioteconomia de Brasília' in the internet, a case in study

Describe the migration experience of *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, one of the pioneering publications in the area of Librarianship and Information Science in Brazil. The work is part of a study about electronic publications as a channel of extensive communication for the scientific community. In the last five years the electronic publications became fears of research in exponential growth, phenomenon that reflects the researchers' emerging interest, also confirming the dynamic nature of the Information Science, with decisive influence of technology.

Keywords - *Electronic Publishing; Communication; Scientific communication; Information technologies; Scholarly communication; Scientific journals.*

Elmira L. M. S. Simeão

Jornalista e Professora da Universidade Federal do Piauí, onde trabalha com o bloco de jornalismo no curso de comunicação social. Tem mestrado em comunicação e cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e especialização em design gráfico no SENAI/RJ. É doutoranda no Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, onde pesquisa sobre periódicos eletrônicos e comunicação científica. Montou o protótipo da RBB *on-line*.

E-mail: elmira@uol.com.br
